

Buritizal, sinônimo de qualidade vida

A região onde se localiza o município de Buritizal começou a ser ocupada no século XVIII, quando foi descoberto o ouro em Goiás. A estrada dos "Goyazes", passava por ali. Mas foi em 1825, com a mudança no traçado da estrada, para encurtar distância e evitar as planícies pantanosas, que o pouso dos Buritis começou de fato a existir. Como era um ponto de apoio aos



Foto: divulgação Prefeitura

Vista aérea de Buritizal. Cidade eleita pela ONU como uma das melhores em qualidade de moradia

viajantes, ao contrário da formação de outras vilas, Buritizal não começou ao redor da praça da igreja, mas perto do abastecimento de água. Foi só em 1953 que um plebiscito votou sim pela emancipação. O município foi instalado em 1955.

A agricultura e a pecuária sempre foram as molas propulsoras da cidade. Com 856 metros de altitude, clima excelente e terras férteis não havia melhor opção. Café, milho, soja e pastagem dominavam a paisagem rural até meados da década de 90, enquanto a área urbana permanecia estagnada, inclusive com um decréscimo na população. A história começou a mudar com a instalação da Usina Buriti na cidade. A primeira safra aconteceu em 1995/96 com a produção de cerca de 12 milhões de litros de álcool. Dez anos depois, a produção chegou a quase 146 milhões de litros de álcool. Segundo o prefeito a ci-

dade deu um salto no desenvolvimento e na qualidade de vida. A participação na arrecadação do ICMS estadual passou de 0,011% para 0,031%, em 12 anos subiu de R\$ 160 mil para R\$ 700 mil/mês. Não há migração para a cidade, aliás não existem cortadores de cana-de-açúcar residentes em Buritizal. 85% da colheita é mecanizada. Dos quase mil funcionários diretos da Usina, perto de 300, moram na cidade. Um número alto já que a população não passa de 3800 pessoas.

Os números locais são de

Buritizal

Cana-de-Açúcar:	10.000 ha / 850.000t
Milho:	2.000 ha / 130.000 sacas 60 kg
Soja:	2.000 ha / 70.000 sacas 60 kg
Café:	550 ha / 8.250 sacas 60 kg
Arroz:	100 ha / 3.300 sacas 60 kg
Bovinicultura:	11.000 cabeças

Fonte: Casa da Agricultura de Buritizal

causar inveja. 91% é a taxa de alfabetização. A educação nas escolas municipais, de 1ª a 8ª séries, segue o método de uma rede de ensino do Paraná. Para os universitários um convênio com faculdades da região garante desconto de 20% na mensalidade. A prefeitura arca com outros 20% e oferece o transporte gratuito. Para o ensino profissionalizante uma parceria

entre Prefeitura, Senai e Usina Buriti vai proporcionar a jovens entre 14 e 18 anos cursos de usinagem em geral. A Usina comprará os equipamentos, o Senai entra com a metodologia e a prefeitura gerenciará o programa.

A infra-estrutura local é 100%. Tanto que em 2000 a cidade foi apontada pela ONU como a melhor em qualidade de vida em matéria de moradia. Em 2001 alcançou 0,887 no IDH, índice de desenvolvimento Humano, que leva em consideração a renda, a expectativa de vida e a educação. A média brasileira é de 0,763.

O fato de ser uma cidade pequena certamente ajudou nesta conquista, mas não explica. Ter uma agricultura moderna, aliada a uma importante agroindústria, foi decisivo para o impulso de desenvolvimento que a cidade conseguiu na última década e que almeja para a próxima.



Álcool: do mundo para o mundo



É com este pensamento que o Ministro Roberto Rodrigues tem se empenhado para emplacar a adição de etanol à gasolina utilizada em outros países. Não é um esforço apenas para vender mais produto, mas para incentivar a produção e o uso do etanol mundo afora. Transformá-lo em uma commodity.

Ao receber a visita do Ministro da Agricultura, Silvicultura e Pesca do Japão, Shoichi Nakagawa, na região de Ribeirão Preto, Roberto Rodrigues se disse convicto de estar iniciando um novo capítulo na história da relação Brasil/Japão.

A relação Brasil/Japão foi decisiva para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Esta é terceira grande parceria que se inicia, acredita o ministro. A primeira e relevante integração aconteceu em 1908, com a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, que trouxeram tecnologia e noções de cooperativismo para o campo.

Em 1950, o Prodec, Programa de Desenvolvimento do Cerrado, realizado em parceria com o governo japonês, marcou mais um momento importante de integração. O Brasil, que praticava uma agricultura "costeira", deu um grande salto de conquista ao interiorizar sua produção. O resultado positivo está mais do que comprovado.

Em 2006 surge a terceira grande oportunidade, não com a venda de etanol, mas com a proposta de um acordo de parceria que pode ser o



O Ministro da Agricultura do Japão Shoichi Nakagawa, acompanhado do Ministro Roberto Rodrigues e da Diretora Executiva da ABAG/RP Mônica Bergamaschi, visita canavial em Guariba

grande marco do centenário da imigração japonesa no Brasil.

A vinda de Shoichi Nakagawa foi motivada por contatos de Rodrigues com Junichiro Koizumi, o Primeiro Ministro do Japão, que enxergou no programa do álcool brasileiro uma boa saída para a questão energética de seu país. Desde 1972 que um Ministro da Agricultura do Japão não visitava o Brasil. Durante uma conversa reservada, tanto Roberto Rodrigues, quanto Shoichi Nakagawa, concordaram que é imprescindível para os dois países a busca de fontes de energia renováveis e sustentáveis. O ministro japonês enfatizou que a visita foi um aprendizado. Que seu país depende totalmente da compra de energia e que esta fonte renovável, derivada da cana-de-açúcar, deve ser difundida para o mundo, pelo que representa em termos de preservação. O Japão estaria pronto para apoiar o Brasil no esforço para que o etanol seja transformado em uma commodity.

O ministro Roberto Rodrigues propôs, durante o encontro, que Ja-

pão e Brasil se associem para promover o desenvolvimento de países pobres, via a produção de etanol. Os dois países investiriam, por exemplo, no plantio de cana-de-açúcar e instalação de usinas na África, contribuindo, ao mesmo tempo, para mudar o paradigma da energia no mundo e a geração de empregos e renda no continente mais pobre do planeta.

A agenda Brasil/Japão na área da agricultura foi fechada entre os

dois ministros no sentido de agilizar procedimentos burocráticos. Combinaram que duas vezes ao ano, uma vez no Japão e outra no Brasil, os ministros das pastas deverão se encontrar para nortear os trabalhos. O ministro Shoichi Nakagawa comprometeu-se a começar a trabalhar imediatamente no sentido de destravar alguns temas como a questão da importação de carne bovina e de frutas brasileiras. Disse que vai se empenhar ao máximo e não se eximirá da sua responsabilidade. Quanto à proposta energética, o Japão que já pode adicionar 3% de etanol em sua gasolina, queria primeiro, via seu ministro da agricultura, conhecer melhor o programa brasileiro de produção de etanol antes de adotar a medida. Saiu daqui com uma proposta mais ousada. É esperar para ver como será encaminhada.

Para o ministro Rodrigues, o significado da visita do ministro japonês à sua casa, onde o chamou de irmão, é muito grande, assim como a relação entre os dois países, uma relação que completa 100 anos em 2007.

Educação concreta

Omês de maio marcou o encerramento da capacitação dos professores do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”. Em março eles assistiram à palestra do Ministro Roberto Rodrigues; e nos meses de abril e maio saíram da escola para ver, na prática, como funciona o “mundo do agronegócio” e como ele faz parte do dia-a-dia das pessoas.

Um conceito ensinado apenas em sala de aula pode ganhar dinamismo quando visto aplicado nas diversas atividades de empresas e indústrias. Em tempos de excesso de informações, as disciplinas es-

colares precisam ter um novo atrativo para se aproximar do ritmo e das expectativas dos jovens.

Por isso cerca de 240 professores, coordenadores e assistentes pedagógicos rodaram centenas de quilômetros em busca de novos conhecimentos e formas de motivar.

Para o professor deixar a lousa e o giz também é excitante. Para alguns, que já participam do Programa há 6 anos, a motivação para realizar as visitas técnicas é a mesma dos que estão começando.

Isto foi perceptível nos 6 roteiros montados pela ABAG/RP para o ano

de 2006. Nos novos destinos havia muita expectativa em verificar a reação do grupo. Foi muito positiva.

Visitar uma fábrica de borracha, por exemplo, é mais interessante do que se imagina. História e tecnologia se complementam. No passado esta árvore, tipicamente brasileira, foi levada pelos ingleses para o outro lado do mundo. O interesse era que suas colônias pudessem explorar aquele produto, novidade na época. O presente comprova que os ingleses enxergaram longe. A borracha, sob os seus diversos tipos, pode ser encontrada numa infinidade de produtos, uti-

lizados pela indústria automobilística (pneus, câmaras de ar, batedores, coxins, guarnições, retentores, etc.); hospitais (catéteres, garrotes, luvas cirúrgicas, próteses, etc.); brinquedos (balões, máscaras, bonecos moldados, etc.); vestuário (elásticos diversos, tecidos emborrachados, meias, etc.); calçados (solados, adesivos, etc.); serviços (luvas isolantes, luvas domésticas, isolantes diversos, etc.). O seringal na cidade Barretos surpreendeu até os professores que julgavam conhecer bem a região. São Paulo é hoje o maior produtor de látex do país, com 52.900 toneladas/ano, ou seja, cerca de

53% da produção nacional. O Brasil produz hoje apenas 1/3 da sua demanda por borracha, o restante é importado, de países para os quais, no passado, foram levadas as sementes brasileiras.

A seringueira, que começa a produzir depois de 6 anos do plantio e continua produzindo por cerca de 40 anos, é hoje resultado de pesquisas genéticas que garantem seu melhor desempenho. Mas esse desempenho depende também do manejo no dia a dia. A execução e utilização bem feita do painel de extração são fundamentais. Isso é pura matemática, explicou o técnico agrícola Wilson Oliveira Brito. Os pro-

fessores entenderam o recado. A professora Zélia Botelho, da escola E.E. Enoch Garcia Leal, do município de Guaira, ali mesmo, no campo, já imaginou o seringal utilizado como exemplo prático para as aulas de diâmetro, altura, ângulo, espiral, custo e geometria. Em cada visita um novo olhar sob a educação.

A partir de junho será a vez dos alunos. Cerca de 19.000, de 53 cidades da região e 116 escolas, percorrerão os 24 roteiros do agronegócio e descobrirão como um novo olhar sob a educação pode deixá-la mais interessante, e como isto pode fazer diferença no seu futuro.

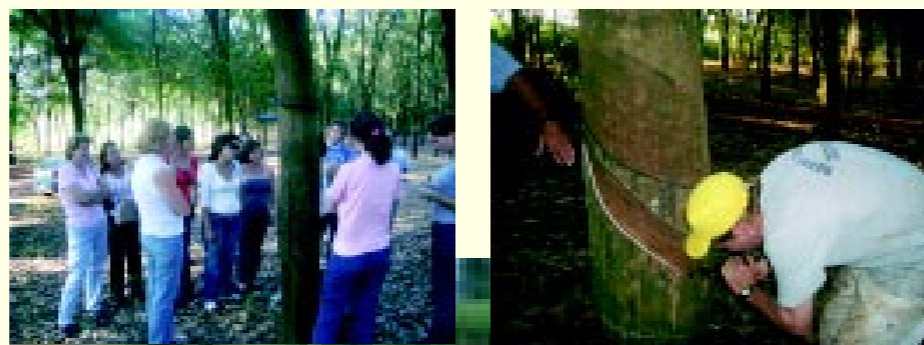
“Agronegócio na Escola” visita à Agrishow

Quando o grupo da ABAG/RP percorre as ruas da Agrishow, não há quem não note, não só pela quantidade de pessoas, mas também pelo entusiasmo na visita.

Neste ano os 110 alunos, vencedores do concurso de redação cujo tema foi: “Agronegócio, Tecnologia e Meio Ambiente”, acompanhados de seus respectivos professores, repetiram o entusiasmo. Ver a tecnologia aplicada no campo é, para muitos, novidade, enquanto para outros, o próprio campo é a novidade. A mistura de jovens tipicamente urbanos e de jovens que vivem ou trabalham com agricultura é interessante. Cada um tenta ajudar o outro a entender o que está vendo. Na Agrishow os alunos puderam assistir demonstrações de campo, tanto com máquinas grandes quanto com pequenas, e visitar os estandes para ouvir dos fabricantes que tipo de tecnologia é aplicada aos produtos. Neste ano o grupo tinha um jovem estudante morador de um assentamento de sem terras de Serra Azul. Em sua redação ele deixou claro que a tecnologia não estava disponível para os pequenos. Na feira ele pode ver o contrário. No estande da Jumil a debulhadeira de

milho fez os olhos de Robinson Migliorini brilharem. Uma máquina daquela facilitaria muito a vida no assentamento, onde tecnologia é vista como um bem impossível de se alcançar. Durante as visitas ele explicava para a professora e alguns colegas o funcionamento dos implementos que conhecia e prestou atenção nas demonstrações daqueles que não conhecia. Saiu certo de que a tecnologia é feita para todos e que uma boa maneira de acessá-la é se cooperativando, adquirindo máquinas em conjunto com outros pequenos produtores. Foi tentando indicar caminhos de desenvolvimento e crescimento para os pequenos produtores que Patrícia Moraes, da Jumil, falou da debulhadeira de milho, da máquina de plantar mandioca, das pequenas plantadoras. “Assim todos podem usufruir dos benefícios”, concluiu Patrícia ao encerrar a visita dos alunos em seu estande.

Durante a Agrishow aconteceu o primeiro trabalho de integração na área educacional entre ABAG/RP e Embrapa. Os alunos do “Agronegócio na Escola” visitaram o estande de bioenergia da instituição e assistiram a uma peça de teatro alusiva ao assunto.



Visitas técnicas de professores (acima) e alunos na Agrishow (ao lado)

ABAG/RP e Embrapa

Parceiras também na educação

Durante as festividades de comemoração dos 33 anos da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, foi assinado um acordo de cooperação técnica entre a instituição e a Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto. O antigo desejo de agregar as experiências educacionais da ABAG/RP com uma das mais conceituadas instituições de pesquisa do mundo, se concretizou no sentido de integrar ações voltadas para a educação de ensino médio e fundamental, buscando ao mesmo tempo a valorização do agronegócio e da pesquisa agropecuária.

A ABAG/RP, que já vem usando esta estratégia desde 2001, trabalha apenas com alunos da primeira série do ensino médio, de maneira que durante todo o ano letivo eles recebam informações, das mais variadas, em relação ao assunto. Neste aspecto, o grande diferencial do “Agronegócio na Escola” é que os próprios professores da rede pública, devidamente capacitados, desenvolvem o Programa. Além de relacionar os assuntos da grade curricular ao dia a dia do agronegócio, visitas técnicas a empresas associadas à ABAG/RP ajudam a compreender melhor o tema. A descoberta desse “novo mundo” tem possibilitado aos alunos enxergar oportunidades profissionais no setor. A Embrapa também tem um trabalho forte na área educacional. Desde 1997, na Embrapa Sede, em Brasília, e no ano 2000 nas outras 40 uni-

dades descentralizadas, alunos do ensino fundamental vêm descobrindo a pesquisa agropecuária por meio de palestras realizadas nas escolas ou nas próprias unidades da instituição. Desmistificar a tecnologia é uma das missões, mostrando que ela é mais acessível do que se imagina e está muito próxima da população urbana. Cerca de 1 milhão e 800 mil alunos espalhados pelo Brasil já assistiram a uma das 17.825 palestras ministradas.

Trabalhando juntas, ABAG/RP e Embrapa pretendem otimizar os conhecimentos, a infra-estrutura e os meios de comunicação das duas partes.

A difusão do conceito do agronegócio, sua dimensão e importância na economia nacional e o papel da pesquisa agropecuária, serão os principais temas a serem abordados nos trabalhos conjuntos que serão desenvolvidos.

Além de valorizar o agronegócio, a intenção é contribuir para o desenvolvimento de uma visão crítica dos agentes multiplicadores, em torno dos problemas locais e regionais, possibilitando a identificação de possíveis soluções com o emprego das tecnologias e dos conhecimentos disponíveis. Não basta mostrar o agronegócio de uma maneira “macro”, mas como ele está inserido em cada comunidade e como já fez ou pode fazer a diferença na vida de todos, tanto econômica, quanto social e ambiental-mente.